

POR UMA ESCOLA A SER LEMBRADA

Diana Maria Noronha*

Num país em que a imensa maioria da população só tem acesso a livros - seja de que tipo forem - através da escola, não é possível pensar o contato do leitor com o livro sem passar pela intermediação desta. É a escola que possibilita a existência do futuro leitor, pois ela o introduz ao mundo "letrado" via alfabetização. Após ser alfabetizado, porém, o aluno é abandonado a sua própria leitura, uma vez que se costuma pensar que basta saber ler para ler. A escola é, assim, ao mesmo tempo, a ponte que permite a ligação entre o leitor e o texto e a que se descompromissa com este contato. É necessário portanto pensar a escola em que se realiza o ensino de literatura.

Tentarei esboçar daqui por diante duas categorias de escolas e vislumbrar qual o ensino de literatura que cada uma delas realizaria. Existe uma escola para ser lembrada. Esta escola seria, por exemplo, a escola em que trabalha a principal personagem do filme de Woody Allen *A Outra*. Guardadas as diferenças - a heroína da história é professora de filosofia e durante o período em que se passa o filme está de licença para escrever um livro - a mulher em questão pode ser um modelo de professor que é lembrado com carinho pelos seus alunos. Em determinada cena do filme, a personagem e seu marido estão jantando em um restaurante com amigos quando uma outra mulher se vira para a mesa em que eles estão e diz ter sido aluna desta professora. Confessa emocionada que jamais esqueceu uma aula recebida (não lembro sobre qual tema da filosofia) e conclui dizendo: "aquela aula mudou a minha vida."

Se posso me colocar um pouco no lugar dos professores que me lêem, permito-me sentir com eles uma certa inveja. Como gostaríamos de, pela vida afora, encontrar alunos que nos dissessem isto. Que nos confirmassem que todos os fins-de-se-

* Mestra em Educação - UFRGS. Doutoranda em Teoria Literária - PUC/RS. Professora do 2º grau - Colégio Estadual Júlio de Castilhos - Porto Alegre.

mana cheios de trabalho, todos os finais de bimestre, todas as redações corrigidas valerem a pena.

Se a experiência mostrada no filme de Woody Allen é a de uma escola que marcou porque foi capaz de interferir diretamente na vida de uma pessoa, esta experiência não pode, de modo algum, ser generalizada. Pelo contrário, o que geralmente ocorre é que todos fazem questão de esquecer-se da escola o mais depressa possível. A começar pelo professor que, próximo a sua aposentadoria conta, como Camões, "os dias na esperança de um só dia". Quando este chega, o jeito é se dedicar, finalmente, às coisas que valem a pena e são agradáveis. O mesmo sentem os alunos que se julgam roubados em sua juventude pela escola, a qual ocupa boa parte do seu tempo com coisas que ele não valoriza.

Já estou, com esta afirmação, trazendo dados de uma pesquisa que desenvolvi e que consiste no meu trabalho de mestrado. Esta pesquisa foi realizada em três escolas particulares de segundo grau. A escolha desta amostra "seleta" tinha o seguinte objetivo: me interessava descobrir quais os fatores que podiam prejudicar a formação do leitor em uma escola que dispunha de todos os recursos possíveis. Ou seja, uma vez resolvidos todos os problemas materiais, que formam grande parte da queixa dos professores, quais os outros problemas com que o aluno se depara e que o afastam do livro? Trabalhei com questionários e entrevistas aplicadas a jovens que cursavam o segundo ano do segundo grau, uma vez que considereei esta série intermediária como mais representativa deste grau de ensino. Passo a citar alguns depoimentos destes alunos com a finalidade de mostrar porque esta escola é uma escola para ser esquecida.

Para justificar o que disse acima, de que os alunos não atribuem um significado existencial para o que estudam na escola, cito textualmente as palavras de uma aluna de 16 anos: "o que se aprende no colégio não corresponde à nossa vida normal."

Com isto, podemos compreender que a aluna reconhece duas esferas de realidade: a de sua vida "normal", onde provavelmente entra o que ela gosta de fazer e faz sem que ninguém o exija, e a vida "da escola", onde estas coisas não contam e outras são preponderantes. É preciso se desincumbir de determinadas tarefas, estudar algumas matérias que garantam pontos na avaliação do bimestre. Existe, como já havia salientado Paulo Freire, o mundo da vida e o mundo da escola que, por oposição, só pode ser o da não-vida. Deste mundo fazem parte professores que não se identificam com a personagem do filme de Woody Allen. Professores que não permitem a manifestação do pensamento de seus alunos ou não admitem ser questionados, co-

mo salienta outro aluno:

"As vezes a gente começa a discutir alguma coisa na aula e ele não deixa a gente participar, dar mais as idéias da gente. Eles cortam a gente. Em outras coisas, eles deixam a gente participar. Tem colégios que pode vir de bermuda para a aula e nisto ele é muito liberal. Mas para discutir alguma coisa, ele não deixa a gente questionar o que está sendo dado.

As vezes eles dão alguma coisa e eu penso e acho que não é assim. Ai eu quero perguntar, dizer porque é que eu acho que é assim ou que é e eles não deixam. O professor diz 'é assim' e não diz por quê, não há um diálogo maior. É uma coisa mais imposta. Quase todas as disciplinas são assim."

No discurso deste aluno, eles (professores) e ele (colégio) se confundem. O aluno não diferencia um do outro provavelmente porque sente por parte de ambos a mesma atitude comum: a de não ouvir o aluno, a de não aceitar ser questionado.

A participação do aluno na escola é prevista de acordo com a vontade de seus organizadores. Em sala de aula, os papéis são fixos (aluno é aluno, professor é professor). Aquele que sabe não permite que se coloquem dúvidas a respeito do que sabe. O colégio, segundo o aluno, só é liberal no que toca à permissão para vir de bermudas. Isto pode, questionar o que o professor ensina, não.

Isto porque a escola não é tradicionalmente um local de construção do conhecimento. Ao fazer uma pesquisa, o cientista invariavelmente se depara com erros e é obrigado a voltar atrás e rever o seu trabalho. O mesmo não se dá com o professor. Ele ensina o seu conteúdo como se as coisas a que ele se refere fossem (desde sempre) verdades absolutas e incontesteis.

O aluno é tão freqüentemente impedido de se colocar, de se posicionar acerca da realidade de sua escola que quando vislumbra esta possibilidade não sabe o que fazer com ela.

"Muitas vezes os professores dizem que não aproveitamos as oportunidades que eles nos dão, mas nós estamos tão acostumados a não podermos manifestar a vontade que perdemos a

oportunidade."

Quando a escola prevê alguma forma de participação do aluno na organização de festividades, por exemplo, encontra um aluno passivo e incapaz de participar ativamente porque não foi preparado para isto. Neste aspecto, a escola demonstra uma divisão que nem sempre faz sentido para o aluno. Existe uma sala de aula em que um tipo de comportamento é exigido. Do outro lado da porta, existem os chamados "setores" que pretendem demonstrar outra atitude. Esta divisão de trabalho, nítida para os professores da escola, nem sempre é compreendida pelo aluno que está lá como um todo na expectativa de encontrar uma escola que também se mostre como um todo. Não é isto o que acontece. O aluno encontra partes da escola preocupadas com a sua formação e outras que intentam lhe dar o maior número de informações possível.

"Eu acho que este colégio é muito bom em relação à preparação para o vestibular, que infelizmente é o que mais conta hoje em dia. Mas acho que só isso, por que quanto a atividades extracurriculares, são praticamente inexistentes. Eles enchem a cabeça dos alunos, e só."

Mesmo que o aluno tenha uma expectativa em relação à escola maior do que a mera preparação para o vestibular, a escola particular tenta fazer com que este aspecto seja preponderante, uma vez que para a comunidade que a sustenta este é o objetivo principal. Até em relação à literatura - apesar de toda a ênfase aparentemente dada à formação do leitor - isto acontece. O aluno vê-se, no segundo grau, perante a necessidade de decorar listas de obras de determinados autores. Qual o sentido de saber apenas o título de um livro como, por exemplo, *São Bernardo*? Pensará o aluno que se trata de um livro sobre cães ou sobre santos, hipóteses igualmente falsas. Muito mais enriquecedora seria a leitura e discussão de um texto que tem tanto mais a lhes dizer.

Não é esta a única maneira como a primeira escola - a escola para ser esquecida - lida com a literatura. Às vezes acontece de o trabalho ser baseado na vida dos autores, influenciado pela visão positivista de que a vida explica a obra. Considero profundamente questionável este tipo de enfoque. É verdade que os autores de literatura sempre colocam em suas obras experiências por que passaram devidamente reelaboradas. No entanto, o que interessa mais ao aluno: saber que Dostoiévski era epilético ou desvendar os labirintos da vida psicológica que este autor faz conhecer?

A escola que trabalha desta maneira não interfere em nada no processo de formação do leitor. Neste ponto, quero chamar a atenção para o fato de que se enganam aqueles que, como eu, acreditavam que os alunos adolescentes não valorizam a leitura de modo geral. Encontrei muito poucos jovens que não reconhecessem o valor da leitura. Quando eram leitores, atribuíam este gosto à influência da família. Quando não, culpavam a escola por não ter sido eficiente no seu processo de ensinar a gostar de ler.

Uma jovem que afirma:

"...um bom livro abre a cabeça, além de ser muito divertido você projetar sua vida nele, fazendo comparações e notando diferenças entre as personagens e nosso mundo."

não precisa de escola enquanto leitora. Está pronta e já chegou à escola compreendendo o que significa ler. Sua concepção de leitura pode ser comparada ao que dizem os teóricos da Estética da Recepção, para quem o livro efetivamente dá possibilidades de participação do leitor na medida em que este "preenche" os pontos de indeterminação presentes na obra. Como podemos notar, a teoria literária neste caso é posterior. Dificilmente a aluna tomou contato com tais idéias, mas mostra-se, como os teóricos da leitura, capaz de compreender o papel que o livro desempenha em sua vida.

O que faz um aluno destes na escola? Protege-se contra influências contrárias.

"...já descobri o tipo de leitura que me agrada e não estou presa aos livros que os professores indicam."

Voltamos a encontrar aqui a nossa velha conhecida dissociação entre o mundo da escola e o mundo da vida. Para a vida, diria esta aluna, leio os livros que me interessam. Não estou presa aos livros desinteressantes indicados pela escola. Ela se lembrará com carinho de suas aulas de literatura? Ou vai manter esta atitude de proteção e esquecer a escola tão logo tenha em mãos o diploma de segundo grau?

Inclino-me mais para a última afirmativa. A escola que não trabalha com a leitura de forma significativa, que indica apenas livros que caem no vestibular, que cobra a leitura de forma mecânica, merece ser esquecida.

Talvez esta escola tenha sido, até pouco tempo atrás, a única possível, mas é certamente forte o gosto de frustração que ela deixa em seus alunos. Para superar esta

frustração, é preciso ajudar os alunos a suprimir definitivamente a barreira que separa vida e escola. Nesta outra escola, teríamos o que lembrar e a melhor coisa a ser lembrada seria o encontro entre dois seres humanos que têm, quanto à leitura, o mesmo objetivo: conhecer mais sobre a vida e o mundo que nos cerca.

Para isto, não é necessário o recurso a grandes métodos ou a utilização de um equipamento sofisticado. Basta dar ao aluno o que ele procura na escola: o encontro com outros sujeitos. Basta assumir o papel de um professor que, como o aluno ali presente, também é um todo. Um professor que reconhece ter preferências em termos de leitura. Sobretudo, um professor que se mostre como modelo de leitor para seus alunos. Não o leitor preparado para marcar as cruzinhas do vestibular, mas o leitor que tenha se utilizado dos livros que leu para redimensionar a sua vida.

Talvez se pense que a existência de um professor-leitor-apaixonado já é bastante, mas ainda não é suficiente. Este professor também precisa mostrar uma abertura para o diálogo se quiser conquistar seus alunos para a leitura. A escola que vai ser lembrada é fundamentalmente uma escola que permite o exercício do diálogo.

"Agora a gente está lendo autores do século passado. Eu sei que é importante conhecer, mas acho que deveria haver um diálogo 'eu gosto disto', então primeiro a gente lê este e depois lê o outro."

Esta aluna propõe uma troca entre seres humanos. Respeitam-se os gostos de ambos e assim a relação professor-aluno passará a assumir também um outro significado. Deixará de ser uma relação tensa e passará a ser mais fraterna, mais de companheiro de jornada, como afirma outra aluna.

"Esta situação poderia se modificar se a professora consultasse os alunos em relação aos seus gostos e preferências. Assim, os alunos talvez se sentissem mais valorizados, vendo que alguém se importa com o que eles pensam; e até o relacionamento professor x aluno fosse de maior compreensão."

Havendo diálogo entre professor e aluno, o relacionamento entre ambos seria melhor e influenciaria diretamente a qualidade do trabalho desenvolvido. Se isto acontecesse, é provável que a aluna deixasse de referir-se ao professor e

aluno usando entre eles o "x" da discórdia, como se o professor estivesse contra o aluno. Ou não é este o mesmo sinal que se emprega em casos de disputas desportivas? O professor precisa deixar seu cômodo lugar detrás da mesa, em oposição ao aluno, e unir-se a ele no objetivo comum de realizarem um bom trabalho de leitura na escola.

Para haver diálogo é claro que esta escola precisa ser mais democrática como um todo. O clima de trabalho deve permitir a participação livre do aluno. Este deve entender que tem toda a liberdade - desde que respeitados os limites do próprio texto - para encontrar em um livro diferentes formas de comunicação com o autor. O aluno pode ler um texto dando ênfase maior a um outro aspecto da obra ou até tentando ver como poderiam ser interpretados os sentidos que o autor não explicitou. Agindo desta maneira, o aluno está atuando como um leitor de fato, preenchendo o papel que o texto lhe oferece. Ele é, perante este texto, também um criador. Não é o mero reprodutor que sabe identificar na obra os aspectos que lhe permitirão uma nota mais alta na ficha de leitura.

Se puder ler na escola como lê na vida, talvez o aluno venha a superar a barreira entre uma coisa e outra. Afinal, a escola que trabalha com leitura de modo significativo é uma escola que resgata o valor existencial da leitura. Uma escola em que a leitura faz sentido é, sim, uma escola para ser lembrada.

Antes de concluir, quero chamar atenção para o caráter utópico desta escola. Entendo aqui - seguindo as pegadas de Paulo Freire - a palavra utopia não como uma coisa irrealizável, mas como uma meta que nos indica o caminho a seguir. Esta escola mais democrática e mais voltada para a vida é uma escola que nega o seu papel de mera reprodutora da sociedade capitalista. Se quisermos ser lembrados como educadores, é esta a escola por que nos cabe lutar.